

REGISTRO

Cláudio Villas Boas ★ 1916 † 1998

O adeus ao pioneiro do Xingu

A. Santos - 8/12/73

ANTONIO XIMENES
Agência JB

SÃO PAULO - "Luciana, Luciana, chama o Orlando". Essas foram as últimas palavras do sertanista Cláudio Villas Boas, que morreu ontem de enfarte em sua casa, em São Paulo, aos 82 anos. "Ele chamou a mim e ao irmão de um jeito diferente. Senti que era seu fim e corri para avisar a família", disse Luciana, que há quatro anos trabalhava como secretária de Cláudio e cuidava de sua saúde debilitada por mais de 100 crises de malária, adquirida em seus 48 anos de trabalho com índios do Brasil Central. O corpo do sertanista foi enterrado ontem mesmo, às 17h, no cemitério do Morumbi.

Cláudio foi um dos fundadores do Parque Nacional do Xingu e da Fundação Nacional do Índio (Funai). Em seus últimos anos dedicava-se a escrever e a ler. Com o irmão Orlando Villas Boas, 84, escreveu treze livros e foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz em 1973. Discreto, dizia que a paz não se constrói com prêmios, mas com respeito às minorias e às civilizações primitivas. "O índio quer apenas viver sossegado com a natureza e com suas tradições. Temos que respeitar as suas terras como respeitamos a nossa própria casa", costumava dizer o sertanista.

O presidente Fernando Henrique Cardoso se pronunciou oficialmente sobre a morte de Cláudio. "Com a morte de Cláudio Villas Boas, o Brasil perde um homem que fez da questão indígena a sua bandeira de vida. Ele deixa seguidores que vão estar sempre ao lado daqueles que são os primeiros brasileiros de nossa história", declarou o presidente. No dia 23 abril, Cláudio, que era de Botucatu, interior de São Paulo, receberá o título de cidadão paulistano *in memoriam*. O sertanista era um profundo conhecedor dos rituais dos pajés das tribos do Brasil Central, especialmente do Xingu. Nos últimos dias, mesmo abatido, corria contra o tempo para terminar o livro *A arte dos pajés*, que estava escrevendo com Orlando. "O Cláudio era quem mais entendia dos mistérios dos pajés. De repente, ele desenvolvia um parágrafo inteiro sem que eu soubesse de onde havia tirado aquelas informações", contava Orlando sobre a atividade do irmão.

Os irmãos Villas Boas - além de Orlando e Cláudio, havia Leonardo, que morreu do coração em 1961 - se transformaram em uma lenda viva por suas ações de proteção aos índios dentro da tradição do Marechal Rondon: "Morrer se preciso for, matar nunca". A saga dos irmãos começou nos anos quarenta, quando participaram da célebre expedição Roncador-Xingu. Na época, os Villas Boas queriam desbravar um Brasil desconhecido e entrar em contato com tribos que conheciam apenas de ouvir falar. "Éramos jovens e queríamos algo de diferente em nossas vidas", disse Orlando Villas Boas.

Discreto, solteiro, sem filhos e introspectivo, Cláudio apresentava problemas de saúde há mais de cinco anos. Recluso em seu apartamento na Zona Oeste da cidade, dificilmente ia às homenagens que lhe eram feitas. Para essas tarefas mandava o irmão. "Ele não dava muita importância para as badalações, preferia ficar lendo em casa", disse Luciana, lamentando a perda do sertanista. Para Marina Villas Boas, mulher de Orlando, nesses últimos 35 anos Cláudio foi seu melhor amigo. "Era um homem sábio, que compreendia o silêncio dos povos indígenas como ninguém. Diferentemente do Orlando, ele era muito mais um filósofo e tinha na preservação da cultura dos ancestrais dos índios uma de suas maiores preocupações", declarou. Marina disse ainda que a perda de Cláudio é como se todo um tempo fosse acabando aos poucos: "Restam poucos pioneiros. Cláudio foi um deles".

Emocionado, mas lúcido em sua exposição, o sobrinho Orlando Villas Boas Filho, 27 anos, disse que a morte do tio é um golpe para a cultura brasileira. "O tio Cláudio vinha escrevendo com o papai uma obra que tinha mais de 33 anos de elaboração. O livro que ficou inacabado é o testemunho de um universo místico a que poucos civilizados têm acesso". Ele disse ainda que vai ajudar o seu pai a lembrar de fatos para terminar a obra. "Não vai ser fácil, mas é o mínimo que posso fazer em memória do meu tio". O sobrinho Noel Villas Boas, 22 anos, disse que guarda na memória um tio filósofo. "Ele gostava de falar das obras de Descartes, Sartre, Schopenhauer e da cultura oral dos pajés. Era um homem sábio", lembrou.

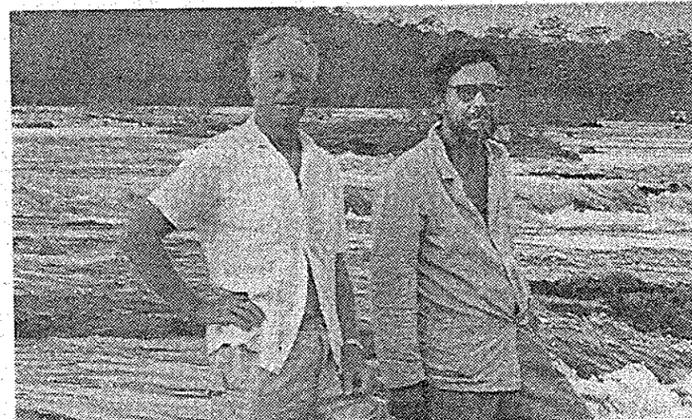
Outra sobrinha de Cláudio, a antropóloga Maria Helena Villas Boas Concone, professora da PUC de São Paulo, disse que apesar das críticas do meio acadêmico, a obra de Cláudio e Orlando se impõe pela originalidade e respeito às civilizações indígenas. "Eles tiveram a coragem de entrar, viver e estudar numa região que antes deles era praticamente desconhecida", defendeu. No velório não havia nenhum índio.



Cláudio Villas Boas, aos 57 anos, ao lado de um índio do Alto Xingu, na região central do país, que desbravou na companhia de seu irmão Orlando



Os irmãos Orlando e Cláudio trabalhavam num livro sobre os pajés



O rei Leopoldo III da Bélgica ao lado de Cláudio Villas Boas, no Xingu

Uma vida totalmente dedicada ao índio

ELIANA LUCENA

BRASÍLIA - Os últimos anos do sertanista Cláudio Villas Boas no Xingu foram marcados por longas conversas com líderes indígenas que habitam o norte do parque, sobre as ameaças que eles sofriam com a abertura de fazendas e estradas em torno da área demarcada. Nesses encontros o sertanista, angustiado, não cansava de aconselhar os índios a se unirem. "O inimigo de vocês não é outro grupo indígena, mas o homem branco", repetia Cláudio.

A preocupação do sertanista com a situação dos índios do Xingu aumentou quando o parque, criado em 1958, foi cortado ao norte pela rodovia que iria ligar Brasília a Manaus, a BR-080. Traçada no papel, a estrada nunca foi concluída, mas deixou o Parque Indígena do Xingu vulnerável. Os índios xinguanos, até o início da década de 70, tinham poucos contatos com o mundo externo.

Os militares que dirigiram a Fundação Nacional do Índio (Funai) durante a década de 70 defendiam que o Parque do Xingu não podia continuar "como um zoológico onde os índios eram mantidos longe dos brancos para o deleite de fotógrafos e antropólogos". Cláudio e seu irmão Orlando, lutavam para que os índios xinguanos, mesmo encantados com as novidades que chegavam da cidade, não sucumbissem aos valores do chamado mundo civilizado.

A inauguração do primeiro trecho da BR-080, já dentro do parque, foi acompanhada pelo cacique Raoni e outros guerreiros da tribo, que pintados de preto não escondiam sua irritação. Na tentativa de melhorar o clima de constrangimento, o então presidente da Funai, general Bandeira de Mello, ofereceu a Raoni a oportunidade de fazer uma plástica para tirar o botoque que o cacique ainda hoje usa no lábio inferior. "Se eu quiser falo com o Cláudio", respondeu ríspido o chefe.

Pouco antes de deixar o parque definitivamente, em 1976, Cláudio estava pessimista quanto ao futuro dos índios do Xingu. "Quem viveu mais de 30 anos com os índios, como eu, sente que eles representam uma outra humanidade, com valores complexos que nós não conseguimos compreender", dizia o sertanista. Ele também repetia que o índio é sempre mais feliz antes de entrar em contato com o branco.

Cláudio sabia do que estava falando. No início da década de 70, os Villas Boas chefiaram a expedição para contactar os índios crenhacarore (hoje eles se auto-denominam panarás). Estes índios, que seriam gigantes, segundo seus inimigos caiapós, viviam na rota da rodovia Cuiabá/Santarém, no Mato Grosso, e precisavam ser atraídos antes que a estrada começasse a funcionar.

O contato foi feito, mas dois anos depois, mais da metade da tribo morreu, dizimada por doenças levadas pelo branco. O grupo que restou foi transfe-

rido às pressas para o Parque do Xingu. Sobre o contato, Cláudio dizia que a pressa em conquistar a Amazônia estava destruindo os índios, antes que eles entendessem o que estava acontecendo.

A última, das dezenas de expedições de que participou, foi em 1976, junto com o irmão Orlando Villas Boas. Os sertanistas tentaram encontrar, sem sucesso, sinais de um grupo indígena isolado, que estaria rondando a região próxima à cachoeira Von Martius, no Rio Xingu. Já debilitado pela blastomicose, que atacou o seu pulmão, Cláudio viajou um mês pelos rios do parque. A expedição não encontrou qualquer sinal dos índios.

O sertanista deixou o posto do Diauarum, dentro do parque, ainda em 1976, com seus poucos pertences. Cláudio, que nunca se casou, foi viver em São Paulo com o filho adotivo, um índio caiabi. O rapaz morreu poucos anos depois, num acidente de carro, amargurando o sertanista.